

FH assume a política econômica

Decisão de orientar as câmaras setoriais é comemorada por adversários de Clóvis Carvalho

Ailton de Freitas

Jorge Bastos Moreno e
Shirley Emerick

BRASÍLIA

O presidente Fernando Henrique Cardoso decidiu assumir diretamente o controle da política econômica e montou uma câmara especial para tratar do assunto. As reuniões, com a participação dos ministros da Fazenda, Pedro Malan, e do Orçamento, Paulo Paiva, e do presidente do Banco Central, Armínio Fraga, serão presididas por ele, que vai também transferir para o futuro chefe da Assessoria Especial, Vilmar Faria, o comando das câmaras de assuntos sociais.

Além de facilitar mudanças, a decisão esvazia a função do chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho, que dirigia as câmaras setoriais, e retira o poder político de seu gabinete. A atitude está sendo comemorada pela base no Congresso e, principalmente, pelos ministros que sempre criticaram o excesso de poder de Carvalho.

— As câmaras setoriais centralizadas na Casa Civil cerceavam a ação dos ministérios, inclusive para assuntos burocráticos — disse um ministro, satisfeito.

Decisão pode acarretar novas mudanças no Ministério

No Congresso, a decisão está sendo interpretada como indicação de abertura de espaço para o presidente fazer novas mexidas ministeriais. Já traz até especulações sobre a saída de Malan. Seria o momento para a troca de comando da economia, uma vez que Malan não foi o idealizador da mudança cambial. Quando o presidente optou pelo câmbio livre, o ministro pôs o cargo à disposição, porque sempre defendera o combate da inflação e a desvalorização gradual da moeda em relação ao dólar.

O ministro José Serra, da Saúde, é o principal beneficiário, porque está rompidado com Carvalho, levado para Brasília por ele. Alguns companheiros de Serra já estão dizendo que esta é a hora para seu retorno à área econômica. Com ele, voltaria também o ex-ministro das Comunicações Luiz Carlos Mendonça de Barros. Fernando Henrique deseja a presença de Mendonça de Barros na Petrobras, cuja presidência está vaga com a saída de Joel Rennó.

Apesar de o futuro ministro de Orçamento, Pedro Parente, ter boa convivência com Carvalho e ser ligado ao presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), Serra nunca escondeu sua simpatia por ele. Isso facilitaria uma convivência pacífica da equipe econômica. Esse não foi o clima, por exemplo, quando Serra estava no Ministério do Planejamento e sustentava discussões, até mesmo públicas, com Malan.

Em contrapartida, diminuem as chances de o ministro da Educação, Paulo Renato, vir a substituir Malan. Paulo Renato uniu-se a Carvalho na briga contra Serra e o esvaziamento das funções da Casa Civil repercute negativamente sobre sua ação política. A indicação de Paulo Renato para o Ministério da Fazenda tem sido defendida pela ala tuca do Governo, contrária a Serra.

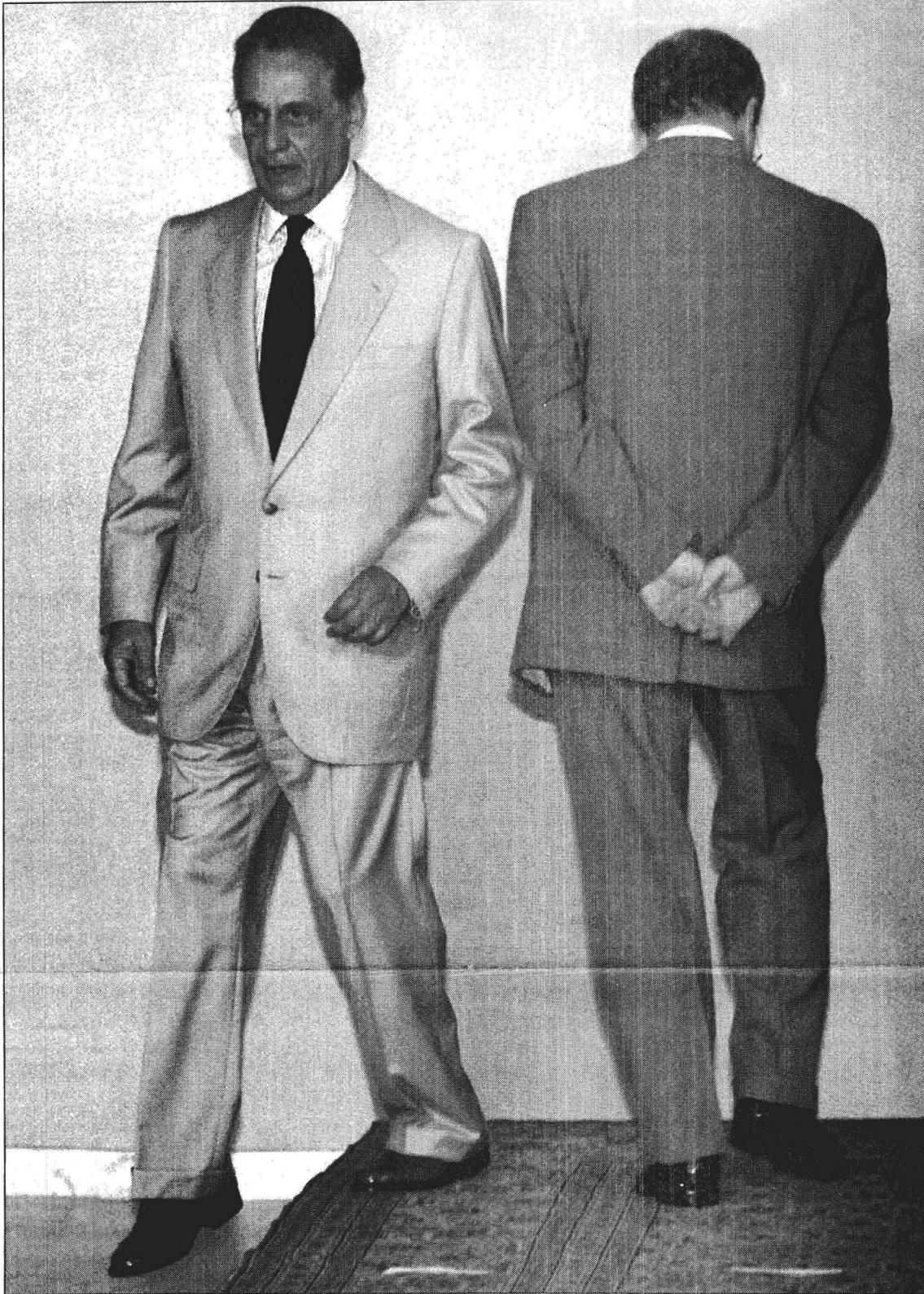
Disputa pelo comando do partido agita o PSDB

O PSDB está envolvido numa acirrada disputa pelo comando do partido. Serra combate abertamente a recondução do presidente, senador Teotônio Vilela Filho (AL), e defende o nome do senador Paulo Hartung (ES), por achar que é hora de dar mais dinamismo à atividade partidária. Paulo Renato, juntamente com alguns governadores, defende a recondução de Teotônio. Essa briga, no entanto, está sendo considerada uma cortina para esconder outra: a da disputa pelo comando da política econômica do Governo.

Nessa queda de braço, Serra tem a ajuda do ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, hoje mais ligado ao PFL do senador Jorge Bornhausen (SC) do que ao partido que ajudou a criar. Os serristas pretendem usar Bornhausen para reduzir a resistência de Antônio Carlos a Serra.

Nesse trabalho contam também com a influência de Mendonça de Barros sobre o ministro de Minas e Energia, Rodolpho Tourinho. Tourinho foi o responsável pela aproximação de Antônio Carlos com a equipe econômica.

Outra pessoa que seria chamada para ajudar a vencer a restrição do senador baiano a Serra é o prefeito de Salvador, Antônio Imbassahy. Como presidente da Eletrobrás, Imbassahy estreitou suas relações com Serra, então ministro do Planejamento. ■



O PRESIDENTE Fernando Henrique Cardoso e o seu atual ministro-chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho: caminhos opostos no Governo